



**PREFEITURA MUNICIPAL DE GRÃ-PARÁ**  
**ESTADO DE SANTA CATARINA**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

## **COMPONENTE CURRICULAR HISTÓRIA**

**CARGA HORÁRIA SEMANAL DA ATIVIDADE 4 AULAS**

**TURMA: ENSINO FUNDAMENTAL - NOTURNO**

**PLANEJAMENTO: SEMANA 26**

### **A Formação da Classe Operária no Brasil**

Entre 1917 e 1920, chegou-se ao auge as lutas e greves operárias. Dentre as principais reivindicações dos operários, constavam; a redução da jornada de trabalho, melhores condições de vida, aumento salarial e a lei de trabalho de mulheres e menores. Na virada do século 19 para o 20, a economia agroexportadora brasileira começa a dar sinais de crise. A produção industrial passa a ser uma alternativa para a acumulação do capital. Uma burguesia industrial começa a se formar no país.

O crescimento do mundo fabril e urbano, concentrado na região Sudeste, também impulsiona a diversificação de camadas médias urbanas que, junto com a classe operária em formação, passam a exigir uma maior participação política, desafiando a hegemonia das oligarquias agrárias.

O positivismo, em um sentido amplo, é a ideologia que vai subsidiar o movimento republicano. Seu ideal reformista, que propõe o progresso social sem ruptura com a ordem capitalista, serve bem aos movimentos reivindicatórios da classe média, a eclipsar o desenvolvimento do pensamento dialético na classe operária brasileira, ainda incipiente. Nesse contexto, a Proclamação da República (1889) vai significar um reordenamento da dominação das oligarquias, sobre liderança dos fazendeiros de café.

Parte do movimento positivista vai adotar uma postura conservadora após a derrubada da monarquia. Outra parte continuará a questionar a

dominação das elites agrárias, e vai influenciar o movimento operário nascente, já em contato com vertentes reformistas do socialismo europeu e americano, ligadas a II Internacional. Assim, o movimento socialista brasileiro será, no início, um desdobramento à esquerda desse “republicanismo positivista”. Em 1906, após uma onda grevista, o movimento operário brasileiro começa a ganhar autonomia em relação ao reformismo positivista.

O anarquismo, trazido por imigrantes europeus, passa a predominar no movimento operário, baseado em associações de ajuda mútua e em sindicatos de corporações profissionais. É nesse contexto que é feita a primeira tentativa de organizar nacionalmente a classe trabalhadora, com a fundação da Confederação Operária Brasileira (COB), em 1906. Em seu II Congresso, em 1913, já é evidente o predomínio do anarcosindicalismo na COB, que chegou ao seu auge na ascensão do movimento grevista entre 1917 e 1920.

As greves, iniciadas em São Paulo, generalizaram-se para outros estados, como RJ, PR, PE, MT, RS e SC, envolvendo mais de 75 mil trabalhadores – ou 30% da força de trabalho nas fábricas de todo país. O Comitê de Defesa Proletária de São Paulo, durante três dias, assume o controle da cidade. O governo e os patrões são obrigados a negociar com os grevistas que arrancam algumas conquistas: 20% de aumento salarial, a promessa (não cumprida) da jornada de 8 horas e a lei do trabalho de mulheres e menores.

O governo e as elites já não podiam mais ignorar a classe operária. A repressão foi grande, com a extradição de diversos imigrantes que dirigiram o movimento.

## Atividades sobre o conteúdo estudado

O texto a seguir é da historiadora Luzia Margareth Rago. Observe como ela descreve a situação do trabalho feminino nas fábricas brasileiras do século XIX.



Mulheres e crianças em uma fábrica de flores artificiais em São Paulo (SP), 1910.

Era significativo o número de mulheres e crianças imigrantes [...] em nossas primeiras fábricas [...]. Apesar do elevado número de trabalhadoras, [...] não se deve supor que elas foram progressivamente substituindo os homens e conquistando o mercado de trabalho fabril. Ao contrário, as mulheres vão sendo [...] expulsas das fábricas, na medida em que avançam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina. As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes [...]. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos.

1- Releia o texto da pesquisadora Luiza Margareth Rago e assinale a alternativa que corresponde ao principal sujeito histórico abordado no texto.

- a) Dono da Fábrica
- b) Trabalhadores do sexo masculino.
- c) Vendedores
- d) Trabalhadores do sexo feminino.
- e) Crianças.

2- Segundo o texto, quais são as principais barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mercado de trabalho e ingressar no mundo dos negócios?

3- Por que mulheres e crianças eram a principal força de trabalho nas fábricas do final do século XIX? Essa situação ainda permanece nos dias de hoje?

4- Com base no que foi estudado, cite as principais conquistas da classe trabalhadora nos últimos tempos.